ETNOGRAFIA DA PRODUÇÃO DE ARTEFATOS E ARTESANATOS EM COMUNIDADES DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ – MÉDIO SOLIMÕES.

M. J. S. Sousa[1]

RESUMO

Os artefatos e artesanatos consistem em testemunho material de uma determinada sociedade ao retratar modos de vida e revelar múltiplas expressões culturais (VELTHEM, 1998). O estudo apresenta uma etnografia da produção dos objetos fabricados e utilizados pelas comunidades da RDS Amanã e ressalta a importância dos objetos no contexto local de produção e modos de transmissão de conhecimentos. A observação participante, entrevistas e um diagnóstico feito em 14 comunidades e cinco sítios foram a metodologia do estudo. Na RDS Amanã a produção de artefatos é encontrada com maior intensidade nas comunidades da região do Lago Amanã e Urini. Assim sendo, foi inventariado o repertório de 23 artefatos e 10 artesanatos que refletem as demandas produtivas da economia local com uma produção regular de implementos agrícolas e utensílios para uso e conforto doméstico nessa região. Contudo, os artefatos são plenos de significados e vão além de sua utilização, pois carregam consigo uma história social.

PALAVRAS-CHAVE: Artefatos; Artesanatos; Reserva Amanã; Transmissão de conhecimentos.

ABSTRACT

Artifacts and handcrafts are material witnesses of a society, as they reflect its ways of living and reveal its multiple cultural expressions (VELTHEM, 1998). This study presents an ethnographic account of the production of objects made and utilized by inhabitants of communities in the Amanã Sustainable Development Reserve. It highlights the importance of objects in a context of production and diffusion of knowledge. The research methods involved participant observation, interviews and an appraisal carried out in 14 communities and five other localities. In the Amanã Reserve most of production of artifacts was found in the Amanã and Urini lakes regions. An inventory was carried out including 23 artifacts and ten handicrafts, which reflected the production demands of the local economy – especially in terms of agricultural tools, but also utensils for domestic use. Nonetheless, artifacts are full of meanings that go beyond their utilization, since they carry a social history within them.

KEYWORDS: Artifacts, Handcrafts, Amanã Reserve, Diffusion of knowledge.

[1]Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - Programa de Artesanato. Mestranda de Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, e.mail: marilia@mamiraua.org.br

INTRODUÇÃO

Artefatos e artesanatos consistem em testemunho material de uma determinada sociedade ao retratar um modo de vida e revelar múltiplas expressões culturais. Os diferentes usos e o aspecto formal destes objetos revelam também aspectos peculiares da vida em sociedade (VELTHEM 1998).

A produção de artefatos para o uso doméstico é uma prática milenar, herdada da população ameríndia que habitava na região amazônica, antes da colonização européia. A necessidade de produzir objetos para serem usados em diferentes atividades domésticas, produtivas, ritualísticas e lúdicas foi determinante para que as populações indígenas desenvolvessem técnicas de manufatura de uma diversidade de artefatos. O conhecer, o saber, o viver e o fazer na Amazônia, inicialmente, foi um processo predominantemente indígena (BENCHIMOL, 1999). Estes saberes foram transmitidos e apropriados pelas populações ribeirinhas da Amazônia perpetuando o aprendizado das técnicas de manufaturas de objetos, bem como o conhecimento sobre os recursos florestais usados nesta produção. O complexo cultural amazônico compreende um conjunto de valores, crenças, atitudes e modos de vida que definiram e organização social e o sistema de conhecimento, práticas e usos dos recursos naturais extraídos das florestas, rios, lagos, várzea e terra firme (BENCHIMOL, 1999).

Na confecção dos objetos são utilizados como matérias-primas recursos madeireiros e não madeireiros existentes na floresta. Entre os mais usados podemos citar: os **cipós**, as **talas**, as **madeiras**, as **cuias** e diferentes **tipos de barro** empregado na produção das chamadas louças de barro ou vasilhas de barro – qualquer recipiente de cerâmica próprio para conter substâncias líquidas ou sólidas (RIBEIRO, 1988). A partir destes recursos é produzido pelas comunidades da Reserva Amanã um repertório de artefatos tais como: tipiti, tupé, abano, paneiro, peneira, balaio, cesto, vassoura, gamela, alguidar, pote, canoa, remo entre outros. Na realidade social investigada, os objetos feitos a partir das fibras naturais - denominados de **teçumes** – apresentam maior destaque no conjunto da produção local.

Neste contexto socioambiental, dois conceitos importantes permeiam este estudo: artefato e artesanato. Para o artefato estamos fazendo referência aos objetos produzidos manualmente para o uso e conforto doméstico que testemunha os modos mais tradicionais da cultura material das populações da região investigada. O artesanato surge como uma re-significação do artefato, desenvolvido com vistas à comercialização e geralmente usado com uma função decorativa, carregando consigo o conhecimento das técnicas de produção utilizadas na fabricação dos artefatos (LIMA et al, 2006). A característica peculiar de ambos é marca registrada do fazer à mão.

Na RDS Amanã estes objetos são encontrados com maior frequência e intensidade nas comunidades da região do lago Amanã e Urini. A forte característica agrícola destas comunidades

estabelece uma produção regular dos implementos agrícolas, notadamente paneiros de cipó ambé, peneiras de arumã, canoas e remos. Estes artefatos consistem nos utensílios domésticos essenciais para o transporte e o processamento da mandioca, sobretudo, para produção do seu principal derivado que é a farinha.

A pesquisa foi realizada em comunidades rurais da região dos lagos Amanã e Urini habitada por uma população de 1.286 pessoas, 147 famílias, distribuídas em 14 comunidades e oito sítios (INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUATENTÁVEL MAMAIRAUÁ, 2006). O Lago Amanã possui uma extensão de aproximadamente 42 x 3 km constituindo-se em um dos maiores lagos da Amazônia. É separado do Rio Japurá por extensas florestas de várzea, sendo, entretanto, rodeado por uma cintura de igapó que pode atingir 2.000 m de largura. A maior parte do lago insere-se em área de terra firme. Por sua vez o Lago Urini mede aproximadamente 22 x 1 km conectado a dois paranás, o Amanã e o Castanho, sendo que este último conecta a porção central do lago ao Rio Solimões. (SILVA JÚNIOR, 2005).

As principais atividades econômicas praticadas pelos moradores são a agricultura, pesca e extrativismo vegetal. A produção é destinada ao consumo familiar e à comercialização no mercado local, nas condições sociais do campesinato amazônico.

A população local tem sua forma coletiva de organização social baseada no modelo de comunidades que foi implementado pela Igreja Católica local (Prelazia de Tefé). Encontram-se assentadas em ambientes de várzea e de terra firme, cuja localização exerce influência direta no tipo de produção econômica que é desenvolvida pelas famílias. As áreas de várzea favorecem ao desenvolvimento das atividades de pesca e em menor escala a produção agrícola. Na terra firme predominam as atividades de caça, agrícolas e o extrativismo vegetal, como a coleta de cipós para fabricação de paneiros, coleta da castanha, extração de óleo de copaíba e andiroba (AMAZONAS, 1998).

Este artigo tem como objetivo apresentar uma etnografia sobre a produção de artefatos e artesanatos nas comunidades do setor Amanã. O estudo identifica o repertório dos objetos que ainda são produzidos e utilizados, o número de produtores e produtoras que se dedicam a esta atividade, as comunidades produtoras e a importância desses objetos no contexto local de sua produção e uso. Os modos de transmissão social dos conhecimentos é um aspecto fundamental para compreender a difusão dos saberes.

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados foram produzidos a partir de um diagnóstico realizado no mês de julho de 2007 em 14 comunidades e cinco sítios do setor Amanã. Ressalta-se que os sítios consistem em espaços geográficos habitados geralmente, por uma família nuclear e/ou extensa que mantém relações sociais e de parentesco com os moradores das comunidades próximas. Neste sentido os sítios

investigados foram: Taracoá, Bacaba Grande, Vila Marajó, Igarapé do Cachimbo e Jacaré. As comunidades alvo do estudo foram: Santa Luzia do Juazinho, Boa Esperança, Santa Luzia do Baré, Bom Jesus do Baré, Monte Ararate, Boa Vista do Calafate, Monte Sinai, Santo Estevão, São José do Urini, Belo Monte, Vila Nova do Amanã, Bom Socorro, Nova Jerusalém, São Francisco do Acará Velho (SOUSA 2008).

Durante o levantamento foi feito um contato inicial com o presidente ou o responsável das comunidades e sítios que nos indicavam os nomes das pessoas ou famílias que produzem ou produziam artefatos. Em conversa com os produtores foram obtidas as seguintes informações: objetos produzidos, matéria-prima utilizada, função do objeto, para onde vendem, os principais consumidores e modos de aprendizagem.

Informações adicionais, através do método da observação participante, foram obtidas nas comunidades de Belo Monte, São José do Urini e no Sítio Cachimbo nos meses de março e abril de 2008. Tais localidades diferenciam-se das demais pelo número de produtores em atividade, na regularidade da produção, no sistema de trabalho familiar, na produção voltada notadamente, para venda, pela diversidade no repertório de objetos produzidos, bem como pelas estratégias de comercialização e de acesso aos recursos naturais.

Residindo nestas comunidades foi possível acompanhar o beneficiamento das matérias-primas, a feitura dos objetos e aspectos gerais da organização social da produção. Assim foram realizadas entrevistas com os artesãos utilizando-se formulário com perguntas abertas e fechadas e conversas com os produtores mais experientes foram gravadas. Além disso, foram feitos registros fotográficos das diversas etapas da produção e dos produtos finalizados. Esta fase da pesquisa consistiu em duas viagens de campo com uma duração média de três dias em cada local, com um total de 21 produtores entrevistados.

RESULTADOS

A população total do setor Amanã consiste em 1.286 moradores, isto significa que em termos percentuais os produtores de artefatos e artesanatos identificados representam 7% da população em idade produtiva, isto é, a partir de 14 anos de idade. Este percentual equivale ao total de 90 produtores que foram agrupados em três categorias: 35 produzem exclusivamente para prover o próprio consumo. Um número maior, 39, produz majoritariamente para venda e 16 destinam sua produção para consumo e ocasionalmente para venda.

Nesta última categoria os produtores trabalham tanto para suprir necessidades conjunturais financeiras como na forma de "encomendas". O relato de uma produtora evidencia um desses arranjos da produção da economia doméstica:

> "... nós vivemos da agricultura... fazemos esses objetos para vender nas horas vagas quando temos alguma precisão de dinheiro ou quando estamos enjoados da roça..." Francisca Feitosa, 50 anos, Comunidade de Boa Vista do Calafate.

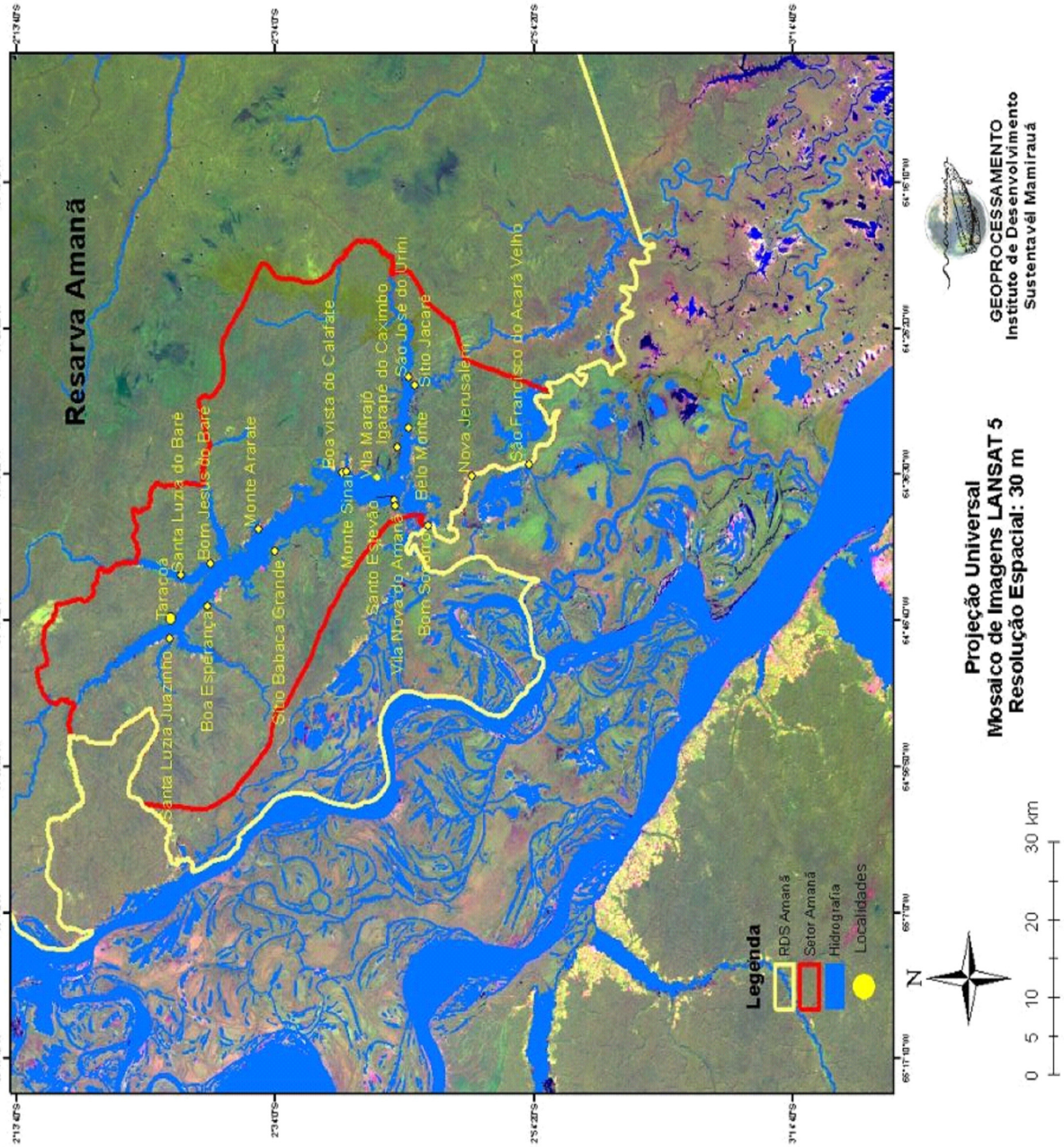

Figura 1 - Mapa da área de estudo.

Por sua vez, a produção é destinada exclusivamente para venda abastece tanto as comunidades vizinhas como os comerciantes do município de Tefé. Neste sentido, a comercialização dos produtos configura-se como uma fonte de renda importante para manutenção das famílias envolvidas.

O contexto local de produção revela que a atividade é constituída por um conjunto de atores sociais envolvidos na coleta e beneficiamento da matéria prima; na confecção dos objetos; na comercialização e consumo destes objetos pelas comunidades próximas e pelos demais compradores/comerciantes que vendem em lugares distantes das comunidades produtoras. A rede de comercialização externa à área das comunidades é complexa e envolve neste circuito diferentes personagens: o artesão/ã produtor (a), o intermediário (parente, compadre e vizinho), o comerciante-feirante e o consumidor final. Uma descrição detalhada sobre a comercialização dos artefatos e artesanatos em Tefé pode ser encontrada no relatório elaborado por Clarisse Raposo (LIMA 2006).

Ao serem produzidos os artefatos e artesanatos são apropriados tanto para consumo próprio, como para venda e com a combinação dessas duas formas. Nas comunidades de Belo Monte e São José do Urini e nos Sítios Cachimbo, Taracoá, Bacaba Grande e Jacaré a produção é majoritariamente para venda. Em Boa Esperança, Santa Luzia do Juazinho, Bom Jesus do Baré, Monte Ararate, Santa Luzia do Baré, Vila Nova do Amanã, Sítio Teodora, sobressai uma produção destinada prioritariamente para consumo e, em Nova Jerusalém, Boa Vista do Cafalate, Monte Sinai e Vila Marajó os objetos são confeccionados para o consumo e venda (Quadro 1).

Quadro 1 - Comunidades, sítios, número de produtores e o destino da produção

Comunidades/Sítios	**N. Produtores artefatos**	**Destino da produção**
Boa Esperança	11	Consumo
Taracoá	1	Venda
Santa Luzia do Juazinho	3	Consumo
Bom Jesus do Baré	4	Consumo
Sítio Bacaba Grande	2	Venda
Monte Ararate	4	Consumo
Santa Luzia do Baré	5	Consumo
Boa Vista do Calafate	8	Consumo e Venda
Monte Sinai	1	Consumo e Venda
Sítio Igarapé do Cachimbo	5	Venda
Belo Monte	17	Venda
São José do Urini	10	Venda
Sítio Jacaré	4	Venda
Nova Jerusalém	11	Consumo e venda
Vila Marajó	2	Consumo e Venda
Vila Nova do Amanã + Sítio Teodora	8	Consumo

Neste contexto social, foi registrada uma produção significativa e regular, procedente dos produtores residentes nos sítios, que são localidades com menor número de famílias. Dessa forma, a atividade consiste numa importante fonte de renda para as famílias residentes nos sítios Taracoá, Bacaba Grande, Jacaré e Igarapé do Cachimbo. Particularmente neste último sítio, a venda dos artefatos e artesanatos representa a principal fonte de renda da família.

A expressiva produção oriunda dos moradores dos sítios merece destaque ao apresentar uma diversidade artesanal maior em comparação com a produção das comunidades. Neste sentido as peneiras de arumã (*Ischnosiphon*.spp) confeccionadas por Maria Senira da Silva, moradora do Sítio Taracoá é muito apreciada na região. Do Sítio denominado Bacaba Grande, Francisco Rodrigues, o Sr. Avelino, como é chamado, é o produtor de paneiros de cipó ambé (*Philodendron* spp) e remos de itaúba (*Mezilaurus Itaúba*). A família de Alberto Lima e Ludenira Aprígio, moradores do Sítio Cachimbo, é a mais renomada da área. Sendo reconhecidos pelos moradores locais, como os melhores produtores da região, cujos objetos produzidos pela família, são apreciados por sua beleza, qualidade e criatividade. Constituem-se em exímios produtores de peneiras de arumã, paneiros de cipó ambé (*Philodendron* spp) e uma diversidade de artesanatos feitos de cipó ambé (*Philodendron* spp) confeccionado pelas três filhas (16, 18, e 20 anos). O relato do Sr. Alberto retrata o modo com o trabalho de sua família é visto e divulgado na região:

> "... Agora todo mundo da região já sabe e conhece a gente... por causa do paneiro e da peneira... Aí uma pessoa chega numa casa e pergunta rapaz onde tu comprou esse paneiro... E aí vai divulgando nosso trabalho..." (Alberto Lima, 49 anos, Sítio Cachimbo).

Foi inventariado um repertório de 23 artefatos e 10 artesanatos, evidenciando uma produção de implementos e utensílios que fornecem suporte às atividades produtivas locais, notadamente agrícolas, e utensílios para uso e conforto doméstico dos moradores das comunidades.

No que se refere à produção de artesanatos comercializados para fins decorativos, identificamos no Sítio Cachimbo, o trabalho de três irmãs adolescentes - Miriam, Margarete e Queila - que se dedicam a feitura de artesanatos de cipó ambé (*Philodendron* ssp) tais como: bandejas, bote, jogos de panelas e saboneteira. Além disso, pequenas esculturas de animais de barro e peneiras em miniaturas, feito pela artesã Ana da Silva Almeida, foi encontrado na comunidade de São José de Urini.

Figura 2 - Artesanatos de cipó ambé, confeccionados pelas artesãs moradoras do Sítio Cachimbo. Foto: Marília Sousa.

Os objetos registrados são confeccionados a partir do emprego de uma diversidade de recursos naturais existentes na floresta, principalmente não madeireiros, que são usados milenarmente pelas populações tradicionais da Amazônia para diversos fins. Neste sentido, Diegues (1994) postula que mediante ao grande conhecimento relativo ao mundo natural, essas populações foram capazes de criar engenhosos sistemas de manejo da fauna e da flora, protegendo, conservando e até potencializando a diversidade biológica.

Dentre as matérias-primas mais utilizadas pelas comunidades do setor Amanã para a produção dos artefatos e artesanatos destacam-se as seguintes: arumã (*Ischnosiphon*.spp), cipó ambé (*Philodendro*n spp), cipó tititica (*Heteropsis* spp), madeira itaúba (*Mezilaurus Itaúba*) e a paxiúba (*Iriarte* spp) espécie vegetal usada para fabricação dos cabos das peneiras. Para o arremate dos paneiros e das "peneiras de roda" é utilizado um cipó chamado localmente de "barba de surubim". Vale ressaltar que em outras regiões da Reserva Amanã, nos setores Coraci e São José, as artesãs usam para mesma finalidade um cipó chamado de "bucho de tambaqui", cujo fruto assemelha-se ao bucho de um peixe designado de tambaqui (LIMA et al, 2006).

A partir deste rico contexto de produção, os objetos inventariados foram organizados de acordo com a classificação proposta por Ribeiro (1988) cujo agrupamento foi feito considerando as seguintes categorias artesanais: trançados; cerâmicas; utensílios e implementos de madeira e outros materiais e; adornos de materiais ecléticos, indumentária e tocador. Em cada categoria há uma divisão em grupos genéricos que corresponde à família dos objetos que reúnem os que se relacionam entre si, não em função da morfologia e sim dos fins a que se destinam (RIBEIRO, 1988). Dessa forma, os objetos foram classificados nas categorias artesanais apresentados no quadro 2 e 3.

Na categoria dos trançados registramos um repertório de artefatos usados para uso e conforto doméstico tais como: paneiro, peneira, vassoura, balaio, tupé, abano, cesta de feira, tipiti e jamaxim (Ribeiro, 1985 define como "cesto de três lados e fundo plano provido de armação de madeira e alça para cingir a testa ou para carregar nos ombros como mochila"). Dentre os trançados específicos para venda – os artesanatos- encontra-se: bandeja, bote, pote, jogo de panelas, saboneteira, fruteira, chapéu e buchudinho. Este último objeto é denominado, em Baniwa, de kaxadádali, expressão que faz referências às mulheres grávidas e aos animais, cujo significado refere-se ao formato barrigudo de uma cesta ou cerâmica (RICARDO, 2000). Num outro contexto cultural, Lima et al (2006) descreve o objeto a partir da percepção das artesãs, como o nome de "buchudinho", cuja denominação local tem origem no formato do corpo de mulher buchuda termo local usado para fazer referências às mulheres grávidas.

Na categoria cerâmica identificamos objetos pertencentes aos grupos da cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço como: fogareiro, pote, panela, moringa, alguidar, bilha, assadeira, camburão. O jarro e esculturas de animais situam-se na categoria de cerâmica específica para a venda.

Quadro 2 - Artefatos identificados no Setor Amanã de acordo com a categoria artesanal

Artefato	Quem confecciona	Categoria Artesanal/Grupo Genérico	Matéria prima utilizada
Paneiro	Homens e Mulheres	Trançados como meio de transporte de carga	Cipó ambé, jauari e barba de surubim
Peneira de roda	Homens e mulheres	Trançados para o processamento da mandioca	Arumã, barba de surubim e cipó ambé
Peneira de cabo	Homens e mulheres	Trançados para o processamento da mandioca	Arumã e paxiúba
Vassoura	Mulheres	Utensílios de madeira e outros materiais para o conforto doméstico	Cipó titica e piassava
Balaio (pacará)	Mulheres	Trançados para uso e conforto doméstico	Arumã
Tupé	Mulheres	Trançados para uso e conforto doméstico	Arumã
Abano	Mulheres	Trançados para uso e conforto doméstico	Cipó ambé e cipó titica
Jamaxim (cesto-cargueiro)	Homens	Trançados como meio de transporte de carga	Cipó ambé e envira
Cesta de feira	Exclusivamente mulheres	Trançados para uso e conforto doméstico	Cipó ambé
Tipiti	Exclusivamente mulheres	Trançados para processamento da mandioca	Jacitara
Canoa	Exclusivamente homens	Implementos de madeira para navegação	Madeira itaúba, bacuri e louro preto
Remo	Homens	Implementos de madeira para navegação	Madeira itaúba e urucurana
Gamela	Exclusivamente Homens	Utensílios de madeira e outros materiais para guarda e serviço de alimentos	Madeira itaúba
Fogareiro	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé
Pote	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé
Panela	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé
Moringa	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé
Alguidar	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé
Bilha	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé
Assadeira	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé
Camburão	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé
Jarro	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé
Tigela	Exclusivamente mulheres	Cerâmica utilitária e/ou cerimonial para armazenagem e serviço	Barro e caraipé

Quadro 3 - Artesanatos identificados no Setor Amanã

Artesanato	Quem confecciona	Categoria artesanal	Matéria-prima
Esculturas de animais	Exclusivamente mulheres	Trançados específicos para venda	Barro e caraipé
Bandeja	Exclusivamente mulheres	Trançados específicos para venda	Cipó ambé, tingimento de crajirú e açafrão e decorada com sementes de tento e açaí
Bote	Exclusivamente mulheres	Trançados específicos para venda	Cipó ambé, tingimento de crajirú e açafrão e decorada com sementes de tento e açaí
Pote	Exclusivamente mulheres	Trançados específicos para venda	Cipó ambé, tingimento de crajirú e açafrão e decorada com sementes de tento e açaí
Jogo de panelas	Exclusivamente mulheres	Trançados específicos para venda	Cipó ambé, tingimento de crajirú e açafrão e decorada com sementes de tento e açaí
Saboneteira	Exclusivamente mulheres	Trançados específicos para venda	Cipó ambé
Fruteira	Exclusivamente mulheres	Trançados específicos para venda	Cipó ambé
Buchudinho	Mulheres	Trançados específicos para venda	Arumã
Chapéu	Mulheres	Trançados específicos para venda	Cipó ambé com tingimento de crajirú e anil
Anel	Homens	Adornos de materiais ecléticos dos membros	Jauari, coco e murumuru

A canoa e o remo formam a combinação dos implementos usados nas atividades de pesca e transporte, ambos estão inseridos na classe de utensílios e implementos de madeira e outros materiais.

Na categoria dos trançados, dois utensílios de trabalho têm lugar de destaque neste contexto sócio-cultural, são eles: as peneiras e os paneiros. Ambos exercem função primordial no provimento da subsistência dos moradores das comunidades, sendo usados durante a produção dos alimentos derivados da mandioca ou como se refere Ribeiro (1985) fazem parte do complexo da mandioca.

Estes dois utensílios integram o grupo genérico dos trançados destinados ao processamento da mandioca e o paneiro serve também como meio de transporte e carga. À classificação de trançado postulada por Ribeiro (1988) consiste na "técnica de interpor, alternadamente, elementos vegetais previamente preparados, para construir manufaturas planas ou recipientes". Os artesãos moradores da Reserva Amanã utilizam o termo teçume no sentido de qualificar a ação humana de interpor as fibras vegetais, especificamente, as talas e os cipós.

Sendo assim, os paneiros são feitos a partir de uma variante de teçumes denominados de tala voltada, olhudo ou zolhudo, tucunariçá e arurana. Cada tipo

de teçume corresponde à função específica que o paneiro exerce. Os três primeiros são usados para o transporte da mandioca e da castanha. O modelo arurana, é mais adequado para o transporte do açaí, pelo fato de possuir tramas unidas. No entanto, a função primordial dos diferentes modelos dos paneiros não impede o uso dos mesmos para o transporte de outros produtos da roça, da pesca e da caça.

Nesta mesma lógica produtiva, as peneiras recebem uma denominação específica para cada tipo de teçume empregado, consistindo num elenco de oito designações: teçume de cadeira, caminho de bicho, boroari grande, boroarizinho, galho de samaumeira, olhudo e peneira de massa comum. As diferentes nominações teçumes têm significados variados podendo referir-se a trama de uma cadeira industrializada bem como ao conhecimento local relativo aos elementos da flora e da fauna, sobretudo espécies de peixes e árvores (Quadro 4).

Figura 3 - Detalhe de um paneiro feito a partir da combinação de vários "teçumes": arurana (parte superior), olhudo (parte central) e tala voltada (parte inferior). Foto: Marília Sousa.

Quadro 4 - Tipos de teçumes das peneiras

Teçumes	Utilidade	Significado do nome
Teçume de cadeira	Peneirar massa e produzir a farinha ova	Assemelha-se a um tipo de trama de cadeiras industrializadas
Caminho de bicho	Peneirar massa e produzir a farinha ova	Assemelha-se um caminho de um animal na mata
Olhudo	Lavar açaí para extrair o restante da polpa	Assemelha-se ao teçume do paneiro
Boroari grande	Peneirar açaí	Assemelha-se ao formato de um peixe tipo cará
Boroarizinho	Coar açaí e peneirar goma para fazer beiju	Assemelha-se formato de um peixe tipo cará
Galho de samaumeira	Coar açaí e peneirar goma para fazer beiju e tapioca	Assemelha-se aos galhos de uma árvore de samaumeira
Peneira de massa ou peneira comum	Peneirar massa para fazer farinha e goma para fazer beiju e tapioca.	Nome relativo a função principal de uma peneira

As variantes de desenhos, formas e modelos expressos nas peneiras e nos paneiros representam um documento iconográfico importante da cultura material das populações ribeirinhas da Reserva Amanã. Uma iconografia que ressalta a importância dos objetos num contexto da economia local. Um exemplo disso pode ser destacado quando observamos que dentre a variedade dos teçumes de peneira existentes, a maior demanda do mercado local é a que apresenta o desenho designado de "caminho de bicho", isto porque com este tipo de peneira é produzida a chamada "farinha ova", que consiste numa variedade de farinha que apresenta qualidade e uniformidade na sua granulação, quando comparada aos demais tipos de farinha.

Divisão das tarefas, modos de aprendizagem e a transmissão social do conhecimento.

No âmbito da divisão social do trabalho há uma atuação tanto dos homens como das mulheres na feitura dos artefatos, envolvendo, sobretudo, pessoas adultas e casadas. Entretanto, as atividades que abrangem a cadeia produtiva como um todo há uma demarcação das tarefas especialmente na coleta da matéria prima e na confecção de determinados objetos. Deste modo a atuação dos homens é majoritária na coleta da matéria prima e na confecção dos artefatos feitos de madeira, notadamente, remos e canoas.

De modo geral, o paneiro e a peneira são os únicos artefatos confeccionados por homens e mulheres, no entanto é atribuída ao homem a tarefa de extração dos cipós (ambé, titica e barba de surubim) e do arumã, em razão da atividade ser considerada perigosa, tendo em vista a presença de animais, como cobras e onças, nas áreas de coletas destas espécies vegetais. Os homens geralmente realizam as coletas em áreas mais distantes e conciliam este trabalho às demais atividades que realizam, como a pesca, o extrativismo vegetal e animal e a coleta de castanha. As mulheres realizam coletas em áreas mais próximas das comunidades, porém cabem as mulheres o beneficiamento da maior parte da matéria prima bem como um volume maior de produtos confeccionados.

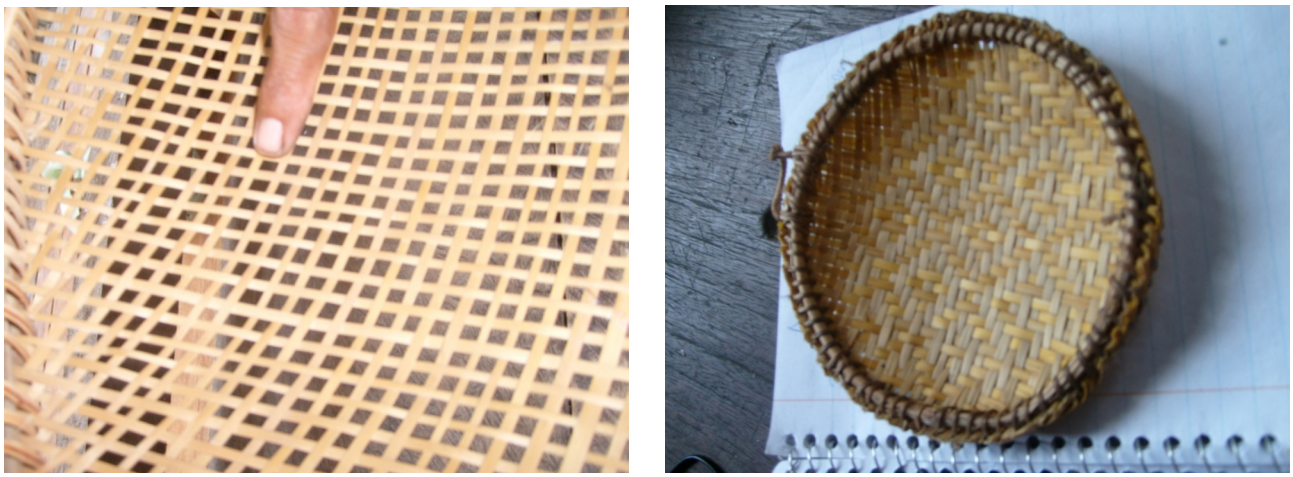

Figura 4 - Peneira caminho de bicho e boroarizinho
Foto: Marília Sousa

Quanto aos demais artefatos registrados, a atuação das mulheres é predominante, sobretudo, na feitura das louças de barro. Semelhante ao que ocorre com a coleta das fibras, há participação efetiva dos homens - juntamente com as mulheres - no trabalho de retirada do barro, da lenha que é usada durante a queima das louças e na extração da casca do caraipé (*Licania* spp) - espécie vegetal cuja casca é extraída e transformada em cinza. Nesta condição o caraipé é misturado ao barro garantindo liga e consistência para que os objetos não se quebrem durante a queima.

Na região investigada, a participação dos homens na feitura de artefatos tem destaque na figura de dois irmãos, Alberto e Vivaldo, moradores do Sítio Cachimbo e da Comunidade de São José de Urini, respectivamente. Com a mãe, ambos aprenderam ainda jovem a arte de tecer paneiros. Além de serem reconhecidos como exímios "teçumeiros" pelos moradores locais, o talento dos dois irmãos se estende a produção de remos e canoas, cujo trabalho é muito valorizado pelos moradores das comunidades vizinhas.

Partindo deste exemplo, destacamos uma das características marcantes desta atividade, o sistema familiar de produção. Assim a transmissão social do conhecimento entre gerações ocorre geralmente no âmbito das redes de parentesco, principalmente através do pai, mãe, sogra além de existir situações de aprendizado com a vizinhança na própria comunidade.

No contexto da difusão de conhecimentos, a materialidade dos objetos expressa um conjunto de saberes existentes entre as diferentes gerações de produtores como identificamos nos trabalhos de Velthen (1998), Domingues-Lopes (2004) e Lima et al (2006). No Médio Solimões foi identificado por Lima et al (2006), que o aprendizado e o ensinamento sobre os produtos fabricados para serem usados em casa fazem parte do universo familiar, onde a mãe ou a avó ensina a filha ou neta a fazer algum objeto como uma peneira, um fogareiro, um tipiti entre outros para ser usado em casa ou no trabalho na roça e no processamento da mandioca. Por sua vez, os objetos que são feitos para a venda muitas vezes são ensinados e aprendidos através de uma pessoa conhecida, amiga, comadre, vizinha da mesma idade ou com mais experiência. Há ainda os casos em que os grupos organizados de artesãs funcionam como agentes transmissores de conhecimentos.

O início da aprendizagem acontece geralmente na adolescência, entre 12 a 15 anos, muito embora na maioria dos casos a prática de fazer artefatos, é consolidada após a constituição da própria família, como ilustra o depoimento de uma artesã.

> "... eu aprendi quando tinha uns 12 para 13 anos... aprendi com a minha mãe... mas eu não me interessava porque para mim eu não achava futuro esse trabalho ... mas ela dizia minha filha têm que aprender porque vocês vão precisar mais adiante... mas para mim parecia que o que ela falava era brincadeira... parecia que não ia ser aquilo que ela falava ... mas foi uma verdade o que ela falou... como hoje eu faço... Com 17 anos eu casei eu comecei a fazer esses objetos de verdade, o primeiro que eu fiz foi o fogareiro... um dia ficamos sem o nosso fogareiro... e aí eu pensei... bem que a mamãe queria que eu aprendesse e agora estamos precisando e aí eu botei para fazer e acertei....

> mandei tirar o material [barro e caraipé] eu fiz o primeiro, o segundo e daí foi embora continuo fazendo até hoje... " Ana da Silva Almeida, 40 anos, comunidade São José do Urini.

Embora o emprego das técnicas tradicionais na produção de artefatos esteja sendo reproduzido entre gerações, em várias comunidades da região este saber está se perdendo. Um dos aspectos que indica um processo gradativo de perda de conhecimentos é o desconhecimento do significado dos nomes designados, por exemplo, aos teçumes do paneiro e da peneira, que consistem nos principais artefatos produzidos localmente. São poucos os produtores que têm conhecimento sobre o significado dos nomes dos objetos e dos teçumes feitos localmente.

Sobre este aspecto Braudrillard (1973) faz um contraponto com a produção de artefatos no contexto urbano e tribal. Braudrillard compara a abundância de artefatos da civilização urbana a uma flora ou uma fauna sujeita a mutações, com espécies que desaparecem e que, ao contrário da natureza, não foram devidamente inventariadas, faltando até vocabulário para designá-las. E, mais, que o usuário não tem consciência da 'realidade tecnológica do objeto'. O contrário ocorre na vida tribal. Cada artefato – e seus componentes – possui um nome, cujo significado semântico pode ser a chave para compreensão dos princípios etnotaxonômicos de um grupo indígena" (apud RIBEIRO, 1988)

Diferentemente do que é explicitado por Braudrillard, nas comunidades investigadas a função do objeto é o fator que exerce maior importância.

> "...eu não sei assim dizer... mas eu acho que vários teçumes foram criados pelos indígenas né... e aí acho que o outros foram vendo e foram fazendo... porque nessa linguagem de tucunariçá...o boroari [peixinho d´água]... tenho para mim que é linguagem indígena... o tariri que nós chamamos de crajirú... esse tipo de cultura foi inventado pelos indígenas ... outros viram e foram fazendo e foi dando certo e a gente também foi vendo..." Ludenira Aprígio, 38 anos, Sítio Cachimbo.

O estudo realizado por Lima et al (2006) mostra que o acesso aos bens de consumo industrializados, estabeleceu mudanças no ciclo de vida doméstico, portanto, não é mais condição precípua a necessidade do aprendizado da feitura manual de instrumentos de trabalho e utensílios domésticos posto que atualmente tudo pode ser comprado.

Embora o relato dos moradores mais antigos da região Lago Amanã e Urini confirmem a realidade exposta acima, foi identificada uma expressiva produção de artefatos feitos principalmente pelos moradores dos sítios. Esta realidade sugere que a existência e manutenção de vários objetos está relacionada ao fato destes não possuírem equivalentes industrializados ou porque cumprem melhor sua função, como ocorre com a peneira e o paneiro.

Ainda no âmbito da importância do conhecimento relativo à produção dos artefatos e artesanatos, podemos dizer que este saber não está restrito a ação do fazer o objeto, pelo contrário, está distribuído ao longo de toda a sua cadeia produtiva. Podemos sugerir que o domínio das técnicas

pressupõe também um conhecimento refinado a cerca da matéria prima empregada na confecção. Dentre estes saberes, diversos aspectos são primordiais, como a localização, o habitat da planta e o estado de maturação que indica sua condição adequada para ser explorada. Neste sentido, na fase da coleta o produtor deve dispor de uma habilidade refinada relativa às práticas adequadas de manejo da planta de maneira que seu uso seja bem aproveitado. É imprescindível também o conhecimento das técnicas de processamento e de feitura dos objetos, que vai exigir outro nível de saber detalhado sobre a forma de principiar, conformar e arrematar o objeto, a sua utilização e o armazenamento (RIBEIRO, 1985).

Portanto, neste conjunto de etapas diferenciadas de trabalho os conhecimentos específicos de cada fase são transmitidos ou adquiridos num sistema de observação e manuseio da matéria prima bem como na feitura do mesmo, seja por imitação, observação direta, como também pela criatividade do artesão.

DISCUSSÃO

O repertório de 23 tipos entre artefatos e artesanatos produzidos pelas comunidades do setor Amanã refletem as demandas produtivas da economia local e as necessidades domésticas das famílias ou conforto doméstico e pessoal como sugere Ribeiro (1988). Sendo assim, pode ser destacado o seu caráter utilitário, pois em sua maioria constituem-se em um número representativo de implementos e instrumentos de trabalho para provimento da subsistência.

Vidal, 1992 apud Velthem, 1998 ressaltam que os artefatos produzidos nas sociedades indígenas possuem saberes agregados aos objetos que se encontram no âmbito da ecologia, economia, sistema de trocas e de parentesco, bem como no campo cognitivo e simbólico. Contudo, no contexto sócio-econômico estudado, o caráter utilitário identificado nos objetos não diminui sua importância. Pelo contrário, os artefatos produzidos e usados tradicionalmente pelas comunidades ribeirinhas do setor Amanã são dotados de seus próprios atributos que vão além de sua utilização, posto que, carregam consigo uma história social diretamente relacionada com a história da economia local, e, portanto pleno de significados. Representam uma vida social e geram valor social, pois através deles ligam o produtor ao mercado (LIMA et al, 2006). Em outras palavras podemos dizer que os artefatos "são dotados de valores patrimoniais que ultrapassam os seus valores de uso" (VELTHEM, 2008).

Nas duas perspectivas, os objetos constituem-se veículos de transmissão de idéias que revelam a lógica das relações sociais (VIDAL, 1992 apud VELTHEM, 1998).

Nas comunidades do setor Amanã a organização da produção é familiar, característica peculiar das sociedades camponesas, cujo grupo doméstico configura-se ao mesmo tempo como uma unidade de produção e de consumo. É principalmente através da atividade agrícola que o grupo doméstico garante a sua condição primordial de existência, o que pressupõe a necessidade de

aquisição permanente de diversos implementos de trabalho, entre eles, os artefatos, essenciais na atividade agrícola local. A funcionalidade e a atuação importante dos objetos refletem a principal organização operante na região, isto é, a base familiar (VELTHEM, 2008). Por isso que a característica agrícola é um dos fatores que determina a existência de uma produção expressiva e sistemática de artefatos utilitários.

Comumente é observado o uso intenso dos paneiros de cipó ambé e das peneiras de arumã nas comunidades. Ambos são utilizados como meio de transporte de carga e no plantio das roças de mandioca. São objetos que desfrutam de um status diferente dos demais. A peneira, por exemplo, é um utensílio fundamental da economia doméstica ribeirinha e, é amplamente utilizado pela população local, tanto no âmbito das casas de farinha, quanto em suas próprias casas (LIMA, et al 2006). Com isso, há uma expectativa social que principalmente as mulheres casadas dominem as técnicas de feitura das "peneiras de massa".

Um arranjo comercial é feito com a produção destinada exclusivamente para venda, uma rede de atores é acionada de modo a facilitar o comércio dos produtos, especialmente dos paneiros e das peneiras. Uma estratégia freqüentemente utilizada para facilitar a operação mercantil são as relações de parentesco. Através dos parentes que moram nos núcleos urbanos – que executam atividades de comercialização dos produtos oriundos das comunidades rurais – os produtores alcançam o mercado regional de consumidores de artefatos.

Um fator importante que impulsiona a produção de artefatos na região é a disponibilidade dos recursos naturais utilizados como matéria prima. Cabe mencionar a predominância da produção de artefatos feitos com fibras vegetais nas comunidades do setor Amanã. Situação semelhante foi descrita para outras regiões da Amazônia por Ribeiro (1988); Velthen (1998); Nakazono (2007); Sousa (2001, 2005) e Ricardo (2000).

A importância do trabalho dos 90 produtores registrados no presente estudo sugere que a produção local assegura o provimento dos utensílios e implementos de trabalho essenciais para a garantia da reprodução social das famílias no contexto da economia local. Isto significa dizer que a persistência de uma atividade artesanal no âmbito da cultura ribeirinha está diretamente relacionada as necessidades vitais que compreende tanto a um conjunto de objetos utilizados no "complexo da mandioca" como aos modelos correspondentes denominados de artesanatos.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Decreto nº 19.021, de 04 de agosto de 1998. Cria a Unidade de Conservação denominada Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, RDS Amanã, e dá outras providencias. **Diário Oficial do Estado do Amazonas**, Poder Executivo, Manaus, 6 ago. 1998. v. 104, n.28978.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB/Universidade de São Paulo, 1994. 163p.

DOMINGUES-LOPES, R. C. Artefatos do cotidiano das aldeias Xikrín: contextualizando uma coleção etnográfica. In: SEMINÁRIO PATRIMÔNIO CULTURAL E PROPRIEDADE INTELECTUAL: PROTEÇÃO DO CONHECIMENTO E DAS EXPRESSÕES CULTURAIS TRADICIONAIS. **Anais**. Belém: CESUPA, MPEG, 2004. p.283-299.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ. **Censo Demográfico RDSA: 2006**. Tefé: IDSM, 2006. (Documento interno não-publicado e não paginado).

LIMA, D. et al. **Artesanato e identidade cultural no Médio Solimões: a promoção de técnicas e conhecimentos tradicionais em comunidades ribeirinhas das Reservas Mamirauá e Amanã**. Tefé: IDSM; Belo Horizonte: IPHAN, 2006. 266p.

NAKAZONO, E. M. **O Empreendimento local do artesanato em fibras vegetais, Amazônia Brasileira**, 2006, 298f. Tese (Doutorado)– Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos estudos Amazônicos, Belém, 2007.

RIBEIRO, B. **A** A**rte do trançado dos índios no Brasil: um estudo taxonômico**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.

RIBEIRO, B. **Dicionário do artesanato indígena**. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. 343p.

RICARDO, B. **Arte Baniwa: cestaria de arumã**. São Gabriel da Cachoeira,AM/SP: FOIRN, 2000. 64p.

SILVA JÚNIOR, R. M. **Variações Físico-químicas espaciais e sazonais, e sua relação com as macrófitas aquáticas em dois lagos da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã - RDSA, Amazônia Central**, Manaus, 102f. Dissertação (Mestrado)-UFAM/INPA, Manaus, 2005.

SOUSA, M. **Artesanato: alternativa econômica para as comunidades de Mamirauá**. Tefé: IDSM, 2001. <Disponível em: www.mamiraua.org.br> Acesso em: 11 Nov 2008.

SOUSA, M. **Programa de artesanato: ações desenvolvidas nas RDS Mamirauá e Amanã**. Tefé: IDSM, 2005. Documento interno, não publicado.

SOUSA, M. **Relatório do diagnóstico da produção de artefatos e artesanatos no setor Amanã- RDSA**. Tefé: IDSM, 2008. 38p. Documento interno, não publicado.

VELTHEM, L. H. V. **A Pele de Tuluperê: uma etnografia dos trançados Wayna**. Belém: MPEG, 1998. 250p.

VELTHEM, L. H. V. Farinha, casas de farinha e objetos familiares em Cruzeiro do Sul – Acre, 2008. **Revista de Antropologia**, 2009. (No prelo). Documento disponibilizado pela autora